

A MAGNANIMIDADE DE UMA FORMIGA:
HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DA MÃE DE SANTO
MARILENE DE OXUM – MAGÉ (RJ)

MAGNANIMITY OF AN ANT: HISTORY AND
TRAJECTORY OF THE MOTHER OF SANTO
MARILENE DE OXUM - MAGÉ (RJ)

PAULO MAURÍCIO DO NASCIMENTO¹

Mestre em História Política pela Universidade do Estado do Rio
de Janeiro

WASHINGTON SANTOS NASCIMENTO²

Professor do Departamento de História da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro

FRANCISCO GOUVEA DE SOUSA³

Professor do Departamento de História da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro

Resumo: Este artigo tem como principal proposta desenvolver uma breve análise referente às ações sociopolíticas da mãe de santo Marilene de Oxum, entre os anos

Abstract: This article has as main proposal to develop a brief analysis regarding the sociopolitical actions of the mother of saint Marilene de Oxum, between the years 1992-

¹ Mestrando em História Política na linha Política e Cultura pela Universidade do Estadual do Rio de Janeiro. Membro do *Áfricas*: grupo interinstitucional de pesquisas UERJ-UFRJ. E-mail: paulomauriciodonascimento150@gmail.com

² Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. E-mail: washingtonprof@gmail.com

³ Doutor em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: chico_gouvea@yahoo.com.br

1992-2009, a partir do estabelecimento de seu terreiro no município de Magé. Refletir a respeito do papel da mulher, orientado por valores em que as diversas manifestações da vida não estão dissociadas do sagrado, se constitui um relevante aspecto direcionado tanto ao resgate da identidade feminina, quanto de culturas religiosas envolvidas numa série de implicações históricas. Em um contexto sociocultural, que os valores predominantes reservam à mulher a inércia e sua invisibilidade, assim como o não reconhecimento de uma liderança religiosa histórica e o protagonismo político exercido dessa mulher de axé, pode ser entendido como uma ruptura paradigmática.

Palavras-chave: Ações; Políticas; Mulher; Axé; Sagrado.

2009, from the establishment of her yard in the municipality of Magé. Reflecting on the role of women, guided by values in which the various manifestations of life are not dissociated from the sacred, constitutes a relevant aspect directed both to the rescue of female identity and to religious cultures involved in a series of historical implications. In a sociocultural context, which the predominant values reserve to women the inertia and its invisibility, as well as the non-recognition of a historical religious leadership and the political protagonism exercised by this woman of axé, can be understood as a paradigmatic rupture.

Keywords: Actions; Politics; Woman; Axé; Sacred.

Este artigo tem por objetivo refletir sobre a história e trajetória de uma Mãe de Santo de Magé, interior do Rio de Janeiro. Espera-se com isso pensar as diferentes redes e sociabilidades que permitiram a esta mulher ter um protagonismo tanto no campo religioso, quanto no da política institucional.

A mãe de Santo Marilene de Oxum é a terceira filha de Mario Monteiro da Cunha, comerciante de cristais de rochas e da professora Maria de Lourdes Formiga Monteiro, ambos falecidos. Ela nasceu em Madureira, bairro do subúrbio carioca, considerado o principal espaço de manifestação da cultura afro-brasileira da capital fluminense.⁴

⁴ O bairro de Madureira emerge no início do século XX, em decorrência de fluxos migratórios de comunidades negras, como resultado das reformas urbanas promovidas pelo então prefeito Francisco Pereira Passos. Segundo o historiador Phillippe Valentim, através de entrevista concedida ao Jornal O Dia

Em razão da profissão de seu pai, negociante de cristal de rocha, ela e sua família mudaram para o interior de Niquelândia, cidade situada ao norte do estado de Goiás, distante cerca de 306,7 Kms (trezentos e seis quilômetros e setecentos metros) da capital Goiânia. Marilene de Oxum e sua família residiram às margens do rio Tocantinzinho, local que ela define como místico, encantado, onde descendentes de povos originários e de negros (ex-escravizados) viviam do extrativismo e da agricultura.

Segundo suas declarações, o local era relativamente inóspito, carente de estruturas sociais básicas, por exemplo: os acessos à unidade hospitalar mais próxima eram a cavalo e de barco, sendo necessário um dia e meio de deslocamento, ou através dos aviões do CAN (Correio Aéreo Nacional) a cada duas semanas.⁵ Ela ainda afirma que o local era extremamente violento, pois era uma região voltada ao extrativismo de metais e pedras preciosas sem a presença necessária do poder público. Em 21 de novembro de 2020, Marilene de Oxum nos concede entrevista em que relata suas lembranças relacionadas às práticas religiosas, de infraestrutura, das tensões sociais e dos negócios de seu pai durante o período em que reside na cidade de Niquelândia:

(on-line), em 19 de dezembro de 2019, Madureira é o maior polo de valorização da cultura afro-brasileira da capital fluminense. Valentim afirma que o processo de consolidação de Madureira, como referência da cultura afro-brasileira carioca, se deu, principalmente, a partir dos anos 20, do século passado, com a fundação do Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela, em 1923, e posteriormente com a fundação, em 1947, do Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano com o jongo (dança ancestral originária de Benguela – uma das dezoito províncias da República de Angola, situada na região Centro-Occidental do continente africano). Madureira tornou-se palco de outros movimentos culturais que contribuíram e ainda contribuem, desde suas respectivas emergências, com a valorização da cultura negra, como o bloco afro *Agbara Dudu* (1982); o Baile Charme (1993), sob o viaduto Negrão de Lima; o *Wakanda in Madureira* (2018); roda de samba *Awre* (2017).

⁵ O Correio Aéreo Nacional (CAN) é um serviço postal militar brasileiro iniciado em 1931. Tem por objetivo integrar as diversas regiões do país e permitir a ação governamental em comunidades de difícil acesso, possuindo relevante papel social. Atua também como instrumento de integração entre os países da América do Sul. É de competência exclusiva do governo federal e mantido pela Força Aérea Brasileira através do COMGAR (Comando-Geral de Operações Aéreas).

Era, e acredito que ainda seja, um local de práticas de cultos sagrados dos povos indígenas e descendentes de negros escravizados que habitavam o local: rezas, unguentos e ervas eram a base da medicina e da cura! Era um local místico! A região era totalmente desprovida de infraestrutura, por exemplo: a ausência de acesso ao sistema de saúde! Os únicos acessos ao hospital mais próximo eram a cavalo (através das margens do rio Tocantinzinho, na época da seca) de barco, sendo necessário um dia e meio de deslocamento ou pelos aviões da CAN, a cada quinze dias!

A região, em razão das atividades extrativistas, atraía muitos aventureiros! O local era extremamente violento! A violência se manifestava inúmeras de formas, entre as quais, ligadas à posse da terra!

Lá, fora do acesso a médicos e hospitais, tive malária três vezes e minha mãe me levava ao Rio para tratamento!

Os negócios de meu pai eram altamente lucrativos, eram guardados bolsas e bolsas de dinheiro, em casa. Ele investiu em terras, chegamos a ter mais de uma fazenda. Por mais de uma vez meu pai perdeu tudo, isso gerava muitos problemas em casa. As consequências das alternâncias de vida e outros infortúnios influenciaram na separação de meus pais. (Entrevista com Marilene de Oxum. Acervo pessoal de Paulo Mauricio Nascimento, 2020)

A cidade de São José do Tocantins, fundada na primeira metade do século XVIII, em razão da descoberta de grandes jazidas de níquel, entre os anos de 1903-1904, passou a se chamar Niquelândia. É a maior cidade do Estado de Goiás, sendo a mineração uma das principais atividades econômicas do Estado. A cidade, situada na região norte de Goiás, compõe uma das principais regiões de exploração de minérios e integra as redes internacionais extrativistas. Segundo Ricardo Junior de Assis F. Gonçalves (2019), os aspectos das atividades ligadas à mineração orientam-se por intervenções ambientais, em grande escala, e no controle corporativo dos territórios. Em consonância com as lembranças de Marilene de Oxum, esses aspectos implicam processos econômicos, sociais, políticos e ambientais: “[...] Isso possui implicações sobre a compreensão geográfica do espaço agrário e seus conflitos, pois além de terra e água, o subsolo

também influencia nas disputas territoriais”. (Gonçalves, 2019, p. 7)

Em decorrência da separação de seus pais, no ano de 1963, Marilene de Oxum, sua mãe e seus irmãos retornam à cidade do Rio de Janeiro e estabeleceram residência no bairro de Campinho, zona oeste da cidade, na casa de seus avós maternos, o Sr. Pedro Cavalcante Formiga (o ex-pracinha capitão Formiga) e a Sra. Ondina Magalhães Formiga, ambos falecidos. Ela residiu no endereço até o seu casamento, em 1976, com Mauro Freitas Alamino, aos vinte e dois anos de idade.

1.1. A MAGNANIMIDADE DE UMA FORMIGA

Marilene Formiga Monteiro, nome de Registro Civil ou Certidão de Nascimento de Marilene de Oxum, ou simplesmente, Marilene Formiga. Segundo ela, o sobrenome Formiga é originário da cidade São João do Rio do Peixe, região noroeste do Estado da Paraíba e dista cerca de 500 kms da capital João Pessoa. Portanto, Formiga não é um nome adotado, ela herdou de seu avô materno, conforme ilustração abaixo:

Certidão de Registro Civil

República Federativa do Brasil
Estado do Rio de Janeiro
José Mauro S. Dias,
Registrador e Notário da 14ª Circunscrição do Registro Civil das Pessoas Naturais e Tabelionato
Tribuna de Madureira - 7ª Zona
Matriz - Rua Diogenes da Fonseca, 118 - Madureira
Sucursal - Rua Duque de Caxias, 427 - Lagoa A - Bangu

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

Certifico que à fl. 205V do livro nº 1E/148 sob o número de ordem 88357, foi lavrado o assentamento de **Marilene Formiga Monteiro**, nascida aos 19 dias do mês de agosto do ano de 1954, às 22:00 horas, no(s) Instituto Clinico de Madureira, nesta cidade, do sexo feminino, filha de Mario Monteiro da Cunha e Maria de Lourdes Formiga Monteiro, sendo avós paternos: Alexandre Lopes Monteiro e Teodora Monteiro da Cunha e maternos: Pedro Cavalcante Formiga e Ondina Magalhães Formiga. Foi declarante Mario Monteiro da Cunha. Tendo como testemunhas: Pedro Cavalcante Formiga e Nelson Sadock de SA. Observações: Registro feito aos 25 dias do mês de maio do ano de 1955.

Certidão lavrada no Livro nº 1E/148 do Estado do Rio de Janeiro, sob o nº 88357, em 25 de maio de 1955, às 14h31.

Registrador: José Mauro S. Dias
Notário: José Mauro S. Dias
Assessor: Paulo Lopes Dias
Rua Diogenes da Fonseca, 118 - Madureira

Fonte: Acervo pessoal de Marilene Formiga

Segundo a mãe de santo, os atributos magnanimidade, ativez e impavidez são os significados do sobrenome Formiga para ela, e as características da formiga (espécie animal) harmonizam-se as suas, que embora possa parecer frágil é de uma grande força.

O altruísmo ou a magnanimidade de uma Formiga, tributos autorreconhecidos por Marilene de Oxum, perpassam muito além da representatividade de seu próprio sobrenome, ela, apesar de dotada de baixa estatura, com atribuições e ações imensuráveis, é capaz de “suster o peso” de tamanhas responsabilidades. Este comparativo está intimamente relacionado aos seus próprios valores familiares e a sua concepção religiosa, conforme suas afirmações, abaixo:

Meu sobrenome Formiga vem do interior da Paraíba, terra dura de se viver, segundo meus avós! Meu sobrenome é uma referência em minha vida, herdei de meu avô e de minha mãe, minhas principais referências! Meu avô militarizava as relações, acredito que isso tenha influenciado a não ter dificuldades diante do rigor hierárquico do *jeje*. No que se diz respeito a minha mãe, acredito que minha personalidade vem dela. Ela sempre foi uma mulher forte e destemida. No garimpo, em Niquelândia, ela era a professora, a costureira: costurava os camisolões de batizado, os vestidos de noiva e as mortalhas, e ainda caçava para nos alimentar. (Entrevista com Marilene de Oxum. Acervo pessoal de Paulo Mauricio Nascimento, 2020)

Em referência a sua trajetória educacional, ela concluiu os ensinos fundamental e médio (de acordo com as normativas atuais das Leis de Diretrizes e Bases da Educação) no extinto Grupo Escolar Cardeal Arcoverde, no bairro de Campinhos. Técnica em Contabilidade e Gestão de Saúde e no decurso de desenvolvimento deste trabalho era discente na instituição de ensino superior UNINTER - Centro Universitário Internacional de Ensino à Distância – no curso Tecnólogo em Auditoria em Saúde. Nos anos de 1990 iniciou o curso de Direito, na instituição de ensino superior SUAM - Sociedade Unificada Augusto Motta (atualmente UNISUAM), no bairro de Bonsucesso, subúrbio carioca, mas em razão do Plano Collor (plano econômico do então presidente Fernando Collor: 1990-1992), ficou

impossibilitada de concluir o curso por dificuldades financeiras, segundo suas afirmações a seguir (Villa, 2016):

Cursei a faculdade de Direito na SUAM, mas tive que abandonar por conta do plano Collor. Fiquei sem capacidade financeira para pagar as mensalidades!

Sou contabilista, fiz vários cursos na área da gestão de saúde e hoje curso a faculdade de Auditoria em Saúde.

(Entrevista com Marilene de Oxum. Acervo pessoal de Paulo Mauricio Nascimento, 2020)

1.2. A MEDIUNIDADE AFLORA

Marilene de Oxum é sacerdotisa ou mãe de santo do segmento do candomblé denominado *jeje-mahû* (jeje-marrí) e sua trajetória, nas manifestações religiosas ou religiões de matrizes africanas, inicia-se aos doze anos de idade.⁶ A propósito, segundo nossas concepções, a definição de manifestações religiosas ou religiões de matrizes africanas são decorrentes da presença de elementos estruturais concernentes às religiões tradicionais do continente africano. O emprego das terminologias, no plural, está relacionado ao entendimento que estas manifestações religiosas concentram múltiplas influências de inúmeras regiões, do continente africano, em suas composições. Não obstante a predominância do catolicismo, enquanto orientação religiosa de sua família, Ilza Magalhães Guerra, sua prima, era médium do centro umbandista Estrela Guia, templo que Marilene de Oxum

⁶ A respeito do *jeje-mahû*, ele corresponde a um dos segmentos do candomblé que tem sua origem na região de *Mahû* ou Mahi na atual República do Benim, e compreende as culturas de diversos povos denominados genericamente *fon*, além dos *ewe*, *adja*, *mina*, *popo*, *gan*, entre outros, habitantes de regiões correspondentes aos atuais: República do Benim, Nigéria (região sudoeste), Togo (região setentrional) e Gana (região oriental). Estes povos tinham em comum, além das organizações sociais e políticas, suas configurações litúrgicas: o culto aos *vodun* (nome dado às divindades) e aos ancestrais.

foi encaminhada para o seu desenvolvimento mediúnico, pois as incorporações se tornaram recorrentes.⁷

Aos quatorze anos de idade, um fato provocou significativas mudanças em sua vida, passando a apresentar episódios de convulsões epiléticas com frequência. Os tratamentos médicos não surtiram os resultados desejados, desse modo, ascende a ideia de que a patologia poderia ser suprimida por meio religioso. Sendo assim, Marilene de Oxum iniciou uma “peregrinação,” recorrendo a diversos centros umbandista para o seu desenvolvimento mediúnico, e conseqüentemente, sua cura. Os referidos movimentos não lograram êxito, conforme ela descreve:

Aos quatorze anos comecei a ter convulsões rotulada por ataques epiléticos, o que foi agravando com o passar dos anos!

Mudei de centro pelo menos três vezes, em busca de uma cura que não vinha! Foi um período muito difícil de minha vida! Me submeti a um sério tratamento médico, mas sem nenhum resultado! Isso fortalecia a ideia de que minha cura poderia ser encontrada na vida espiritual! Aos dezoito anos, um preto-velho que se manifestava em mim, chamado Pai Tomé, disse a minha mãe que minha doença era espiritual e orientou que eu buscasse o candomblé para “fazer o santo”.

(Entrevista com Marilene de Oxum. Acervo pessoal de Paulo Mauricio Nascimento, 2020)

Seguindo as orientações de seu preto-velho, Marilene de Oxum se direcionou em busca de um terreiro de candomblé. Em 1973, conheceu o sacerdote Wildes Maurício Vital da Silva (*in memorian*), o *Vodúnnòn* Wildes d’*Obàlúwàiyé*.⁸ Ele foi um

⁷ Os templos umbandistas são espaços para a prática da umbanda, entendida como uma das religiões de matrizes africanas nascida no Estado do Rio de Janeiro, entre o fim do século XIX e o início do século XX, que originalmente congeminava elementos do catolicismo e bantos. Na contemporaneidade apresenta-se segmentada em variados cultos caracterizados por influências muito diversas (bantos, jeje-iorubás, indigenistas, catolicistas, kardecistas etc.).

⁸ *Vodúnnòn*: Sacerdote do culto aos voduns. Os voduns é a denominação denominada às divindades cultuadas pelo povo *fon*. *Obàlúwàiyé*: divindade

respeitado sacerdote do segmento *jeje-mahû*, descendendo de um dos principais e mais antigos terreiros, também responsável pela estruturação e institucionalização do candomblé, isto é, o Zòdògodò *Bogun Malé Séja Hùndé* ou *Kwé Séja Hùndé* ou ainda Roça do Ventura (proprietário do terreno onde o terreiro é estabelecido).⁹ O referido sacerdote era filho de santo de mãe Mirtéia d'Ògún, que por sua vez foi iniciada pelo renomado pai Djalma de *Laalu*. Este era filho de santo de Antônio Pinto de Oliveira ou *Táta Fomotinho* de Oxum, relevante referência do *jeje-mahû*.

Iniciado em *Séja Hùndé*, em 1914, *Táta Fomotinho* foi o primeiro *iyao*, do sexo masculino, iniciado no terreiro.¹⁰ Em 1930, partindo da cidade de Salvador, o sacerdote ou pai de santo, desembarcou na cidade do Rio de Janeiro, estabelecendo-se, a princípio, no bairro de Santo Cristo (região portuária da cidade), passando por Madureira e estabelecendo-se, definitivamente, em São João de Meriti (município pertencente à Baixada Fluminense - região Metropolitana do Rio de Janeiro). Em 1935 fundou o terreiro *Ceja Nassó*, que contribuiu, significativamente, no processo de consolidação do *jeje-mahû*, principalmente, no Estado do Rio de Janeiro. Através de suas “mãos,” inúmeros filhos de santo foram iniciados, entre os quais, ícones do candomblé, no Rio de Janeiro, a exemplo de Djalma de *Laalu*,

fon originária de Savalu (região da atual República do Benim). Pai de santo é um dos tratamentos dispensados aos sacerdotes de manifestações religiosas de matrizes africanas.

⁹ Segundo Luis Nicolau Parés (2007), e parte dos relatos que são transmitidos durante as atividades ritualísticas, Zòdògodò *Bogun Malé Séja Hùndé* ou *Kwé Séja Hùndé*, também conhecido como Roça do Ventura (proprietário das terras) foi fundado por volta de 1896, num sítio localizado na atual Ladeira da Cadeia (município de Cachoeira – Recôncavo Baiano) por Ludovina Pessoa (africana, originária de Mahii), sua “filha de santo” Maria Angorensi e o Sr. Manoel Ventura ou simplesmente Ventura, sendo todos ex-escravizados. *Gbèsèn* (divindade líder do panteão *Dan*, composto por divindades também ligadas à terra, isto é, os *Ayi-vodun*) é eleito o patrono do terreiro, possivelmente por sua relevância aos diversos povos da cultura *fon-gbé*, pp. 198-199.

¹⁰ *Iyao*: termo que designa o(a) neófito(a) após a fase ritual de reclusão iniciatória. O(a) *iyao* tem a capacidade de incorporação, diferentemente do *ogan* e da *èkèji*.

Zezinho da Boa Viagem, Jorge de *Iyemonjá*, Belinha de *Oxossi*, Aidê ti *Kposun*, entre tantos.

Ainda em 1973, pai Wildes iniciou Marilene Formiga Monteiro no *jeje-mahû*, tornando-a descendente de um dos mais tradicionais terreiros do candomblé. A iniciação, nas religiões de matrizes africanas, é considerada um renascimento e uma vez realizada, o neófito levará sua vida orientada pelos dogmas de seu culto, desse modo, a partir de 17 de novembro de 1973, nasce Marilene de Oxum.

Dando prosseguimento a sua trajetória religiosa, a mãe de santo, aqui retratada, curada das convulsões epiléticas, após sua iniciação no *jeje-mahû* - ratificando que sua doença era de cunho espiritual - seguiu em busca de novos conhecimentos, e em 1977, iniciou-se no culto a *Orunmilá-Ifá* ou *Ifá*.¹¹ A referida iniciação realizou-se por intermédios dos *Bàbáláwo* Richard Adeinka Ajaguna e Benjamin Durujaye Ainde Kaiode Komolafe, dois nigerianos estudantes de medicina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).¹²

Em 19 de abril de 1979, nasceu sua primogênita Diacuí Olukemi KoKumó Formiga Alamino, do matrimônio de Marilene de Oxum com Mauro Freitas Alamino, que se realizou em 19 de março de 1976. Diacuí Olukemi Kokumó, segundo a cultura nagô-iorubá, significa: “Não Conheço a Morte Porque Deus Gosta de Mim.” A escolha do nome está associada às questões de cunho religioso, segundo a mãe de santo. Diacuí é a única filha sobrevivente, do primeiro matrimônio, após sucessivos abortos espontâneos e três meninas neomortas.¹³ Em nossa entrevista ela defende a ideia de que esses episódios resultam da influência de *àbíkú*:

¹¹ *Orunmilá-Ifá* ou *Ifá*: divindade detentora do conhecimento e da adivinhação, constituindo um sistema divinatório que se originou na África Ocidental entre os iorubás, na atual Nigéria.

¹² *Bàbáláwo* (Babalaô): sacerdote ou pai do mistério, aquele que faz consultas através do jogo. É encarregado dos procedimentos dos divinatórios mediante o *òpèlè* (instrumento divinatório privativo dos sacerdotes de *Ifá*).

¹³ Neomorto: classifica-se como neomorto (a) o bebê morto até o primeiro mês de vida.

Do meu primeiro casamento tive três filhas que nasceram, mas morreram poucos dias após o nascimento. Foram inúmeros abortos espontâneos, pois estava contaminada pela força de *àbíkú*. Em 19 de abril de 1979 nasceu minha primeira filha *Diacuí Olukemi Kokumó* Formiga Alamino, única criança sobrevivente do primeiro casamento.

(Entrevista com Marilene de Oxum. Acervo pessoal de Paulo Mauricio Nascimento, 2020)

Segundo seus argumentos, a razão da não sobrevivência de suas filhas e os sucessivos abortos espontâneos, durante seu primeiro casamento, estava relacionada às influências de *àbíkú*. De acordo as tradições religiosas nagô-iorubás *àbíkú*: *àbí* + *íkú* “significa nascido para morrer”: *àbí* (nascer ou nascido) + *íkú* (morte). Sucessivos episódios de aborto de uma mulher; partos seguidos da morte da criança recém-nascida; mortes repentinas de crianças ou jovens são identificadas como acontecimentos sob influência dessa energia denominada *àbíkú*, entendida também como aquele espírito que predestina a morte.

O fenômeno, supracitado, caracteriza-se como uma alteração da ordem natural que socialmente é aceita e entendida como: aqueles que chegaram ao *àyé* (mundo físico ou Terra) primeiro, voltam primeiro ao *òrún* (mundo espiritual ou céu). As influências desse fenômeno se caracterizam como uma ruptura paradigmática da ordem natural. A garantia da permanência dos descendentes, no *àyé*, favorecem a continuidade tanto da lembrança, quanto ao culto voltado aos ancestrais. Esses descendentes transmitirão a história de seus ancestrais ao longo dos tempos, garantindo sua perpetuação na comunidade.

O ano de 1981 foi marcado por novas diretrizes tanto na vida pessoal, quanto religiosa de Marilene de Oxum. O primeiro aspecto é referente ao relacionamento estabelecido com Marcelo Sebastião de Carvalho, após o término de seu primeiro matrimônio, no ano anterior, e do segundo matrimônio nasceram Marcela Carolina Monteiro de Carvalho e Marcelo Sebastião Monteiro de Carvalho. Em relação ao aspecto religioso, foi o ano de realização de uma das principais obrigações no candomblé.

Nas religiões de matrizes africanas há determinados procedimentos litúrgicos denominados “obrigações,” e estas

estão associadas ao processo iniciático, denominado pelos adeptos como “feitura.” No candomblé, o tempo de feitura (ou iniciação) orientam as estruturas hierárquicas e são fundamentais no processo de aprendizado, pois marcam os estágios da trajetória do neófito, permitindo ou não sua participação em determinados procedimentos litúrgicos. As obrigações variam de acordo com o segmento do candomblé, e às concernentes ao *jeje-mahû*, transcorrem no primeiro, terceiro, quinto e sétimo aniversários de iniciação. Vale ressaltar que no décimo quarto e vigésimo primeiro aniversários ocorrem celebrações um pouco mais complexas, e não necessariamente, obrigações – esse assunto requer um estudo específico. Dito isso, em dezembro de 1981, por meio de pai Wildes, Marilene de Oxum realiza sua obrigação referente ao sétimo ano de iniciação, e em muitas das vezes, em razão desta obrigação, o(a) praticante alcança o sacerdócio. Este, quando reconhecido, o(a) praticante torna-se um(a) *Etemi* – cargo sacerdotal exclusivo do segmento *jeje*. A ilustração abaixo refere-se à cerimônia de obrigação de sete anos dela, realizada em *Kwé Egi* (axé de seu pai de santo). Pai Wildes, vestido de branco, vem à frente de Marilene incorporada de sua mãe Oxum (vestes ritualísticas azul):

Pai Wildes d’ *Obàlúwàiyé* e Marilene de Oxum



Fonte: Acervo pessoal de Marilene de Oxum

Em torno de cinco meses após sua obrigação de sete anos, ou seja, em 1º de maio de 1982, se inicia um novo ciclo religioso de Marilene de Oxum, ela inaugurou o terreiro ou axé *Hùnkpámè*

Kwé Naiyé ou *Kwé Naiyé*, no bairro Santa Clara do Guandu, cidade de Nova Iguaçu, situada na Baixada Fluminense – Região Metropolitana do Rio de Janeiro.¹⁴ A inauguração do terreiro foi marcada pela primeira *hama* de filhos de santo de Marilene de Oxum.¹⁵

Transcorridos dez anos de inauguração de *Kwé Naiyé*, o terreiro em plena atividade, com a realização de inúmeras obrigações e *hamas*, a mãe de santo é comunicada por pai Wildes, que seu jogo de búzios revelou uma “nova missão” reservada a ela, e para tal, seria necessário o fechamento de *Kwé Naiyé* e sua transferência para uma outra localidade – ideia plenamente refutada por ela, apesar de toda confiabilidade e respeito dispensados ao seu sacerdote.¹⁶ Segue ainda trechos da entrevista concedida em novembro de 2020:

¹⁴ Os terreiros também são chamados de Barracão, Casa, Ilê, Kwe, Axé, Tenda, Salão ou Roça. Além de suas funções religiosas, essas casas são importantes também por sua contribuição para a promoção de coesão social, da sustentabilidade e da saúde psíquica das comunidades onde estão situadas. Os chamados terreiros são territórios sagrados para os povos de matrizes africanas. Nesses espaços encontra-se resguardada a maior parte da história da cultura negra no Brasil. Trata-se de espaços de acolhimento e resistência que deflagram a expressividade sobre os aspectos rituais, míticos, religiosos, sociais e culturais, onde as comunidades praticantes se reúnem, convivem e trabalham sob o poder central das divindades que realizam a ligação entre o sagrado e o humano. Os terreiros também são chamados de Barracão, Casa, Ilê, Kwe, Axé, Tenda, Salão ou Roça. Além de suas funções religiosas, essas casas são importantes também por sua contribuição para a promoção de coesão social, da sustentabilidade e da saúde psíquica das comunidades onde estão situadas.

Axé: Esse termo é originário da língua iorubá e significa o “poder” ou a “força” que cada ser dispõe. E é comum ainda que muitos usem-no como uma saudação, quando querem desejar que uma pessoa tenha um dia positivo e com energias boas. O termo ainda pode dizer respeito a força que mantém a sustentação em terreiros de candomblé.

¹⁵ *Hama*: de acordo com as tradições *jeje*, a *hama* corresponde ao grupo de pessoas durante o processo de iniciação. Esse grupo também é conhecido como “barco”.

¹⁶ O jogo de búzios é uma das artes divinatórias, oriundo da cultura nagô utilizado nas religiões tradicionais africanas e na religiões da diáspora africana instaladas em muitos países das Américas. Religiosamente, é conhecido como *merindilogum*.

Resisti, a princípio, a ideia de transferir minha casa de santo, pois já estava estabelecida desde 1º de maio de 1982, em Nova Iguaçu, data de inauguração. Meu marido argumentava que eu deveria atender às ordens do jogo. Por volta de três meses após o jogo, que se deu em 1992, estive na casa de santo e em menos de vinte quatro horas depois, recebi um telefonema de uma vizinha ao axé, dizendo que tudo havia desmoronado! Não restou nada que pudesse ser aproveitado. Decidi então seguir as orientações do jogo, ou seja, atender ao chamado de uma nova missão

(Entrevista com Marilene de Oxum. Acervo pessoal de Paulo Mauricio Nascimento, 2020)

O ano de 1992 caracterizou-se como “divisor de águas” na vida de Marilene, consagrada à deusa das águas doces e das “grandes causas”, a partir do estabelecimento de *Kwé Naiyé* no bairro Jardim Santo Antônio – Distrito de Santo Aleixo – Magé, também localizado em Baixada Fluminense. Ao chegar no referido bairro, ela confronta-se a uma inepta infraestrutura, a exemplo: ausência de UBS - Unidade Básica de Saúde; saneamento básico; linha regular de transporte público.

Uma compilação de desafios somou-se às já existentes. As inúmeras demandas sociais locais provocaram inúmeras ações, por parte de Marilene de Oxum, entre tantas: empregar moradores na edificação do axé; transportar, em seu próprio veículo, moradores que necessitavam de emergência médica ou consultas, em razão da precariedade do transporte público; abrigar pessoas em estado de vulnerabilidade habitacional; disponibilizar medicamentos, cestas básicas, vestuário e calçados às famílias mais carentes. Dando continuidade à entrevista concedida em novembro de 2020, a mãe de santo diz:

Entendo que a vida social está relacionada com a cooperação entre os indivíduos!

Sempre fui uma pessoa dotada de empatia, condescendência e altruísmo, além de ser extremamente proativa! Nunca me permiti ficar inerte ou omissa diante dos necessitados! Acredito que

sejam características de minha personalidade, em razão dos valores éticos e morais familiares e de minha religiosidade!

Uma de minhas primeiras ações foi empregar pessoas do bairro, o máximo que pude, tanto nas obras do barracão, quanto em minha casa! Permiti que pessoas desabrigadas ocupassem parte de outro terreno de minha propriedade, até implantarmos uma política habitacional, no bairro.

(Entrevista com Marilene de Oxum. Acervo pessoal de Paulo Mauricio Nascimento, 2020)

Segundo Marilene de Oxum, acreditando ser, verdadeiramente, herdeira das *ahosi*, não se permitiu ser tomada de letargia diante da realidade encontrada. Ela afirma ser herdeira das *ahosi*, muito em razão da representatividade das guerreiras do Daomé ao povo *fon*, identicamente aos praticantes do *jeje*. Ela afirma ser herdeira das *ahosi*, muito em razão da representatividade das guerreiras do Daomé ao povo *fon*, identicamente aos praticantes do *jeje*:

Me sinto herdeira dos genes das *ahosi*! Sou aguerrida! Como um dos dogmas do candomblé, diz: “Diante do necessitado, aja!” Então não poderia ficar inerte diante daquela situação.

(Entrevista com Marilene de Oxum. Acervo pessoal de Paulo Mauricio Nascimento, 2020)

Segundo Jéssica Melo Prestes (2016), as *ahosi* ou “amazonas do Daomé” (denominação dada por comerciantes portugueses presentes durante décadas na região do respectivo “reino”) formaram a única unidade militar composta somente por mulheres reconhecida historicamente. O contingente das *ahosi* foi formado no reinado de Hwegbaja (1620-1645), mas foi durante o reinado de Agadja (1708-1732) que as *ahosi* (responsáveis pela caça de elefantes) passaram a compor o corpo de guardas responsáveis pela segurança do soberano. Os números do contingente da unidade aproximavam a oitocentas guerreiras, a princípio, chegando, posteriormente, por volta de quatro mil. Complementando, Prestes lembra que a arte da guerra era comum entre as mulheres, a exemplo de diversas tribos celtas, na Antiguidade.

Pode-se compreender o candomblé como um microcosmo aglutinador de experiências, não apenas religiosas, mas de manifestações em múltiplos aspectos subjetivos de seus adeptos através de suas representações simbólicas. Essa prática religiosa implementa um exercício de vida em que o sagrado e o plano da ação comum tornam-se estreitos e quase indissociáveis. Desse modo, as ações sociopolíticas de Marilene de Oxum, orientam-se pelos valores basilares que estruturam tanto sua personalidade, quanto a religiosidade. As conexões entre o sagrado e o político são ratificadas pelas declarações da mãe de santo:

Entendo que a vida social está relacionada com a cooperação entre os indivíduos!

Sempre fui uma pessoa dotada de empatia, condescendência e altruísmo, além de ser extremamente proativa! Nunca me permiti ficar inerte ou omissa diante dos necessitados! Acredito que sejam características de minha personalidade, em razão dos valores éticos e morais familiares e de minha religiosidade!

Uma de minhas primeiras ações foi empregar pessoas do bairro, o máximo que pude, tanto nas obras do barracão, quanto em minha casa! Permitted que pessoas desabrigadas ocupassem parte de outro terreno de minha propriedade, até implantarmos uma política habitacional, no bairro.

(Entrevista com Marilene de Oxum. Acervo pessoal de Paulo Mauricio Nascimento, 2020)

As ações da mãe de santo, voltadas às demandas sociais da população local, concretizou-se por meio de instituições ligadas ao movimento comunitário, a exemplo da associação de moradores do bairro em que seu terreiro é estabelecido, COMAMEA (Federação das Associações de Moradores e Entidades Afins do Município de Magé) e CONAM (Confederação Nacional das Associações de Moradores). As entidades ligadas ao movimento comunitário integram a perspectiva dos estudos políticos relacionada ao associacionismo. Maria Roberti Martins (1997) define o estudo do associacionismo como um campo de pesquisa promissor, que permite o aprofundamento e o entendimento relacionados ao movimento e a competência da própria sociedade na condução de suas demandas, a despeito dos campos formais institucionalizados: “É

um campo de pesquisa extremamente promissor quando pretende avaliar a capacidade da sociedade administrar seus problemas fora dos canais formais de participação” (Martins, 1997, p. 163).

1.3. O JEJE-MAHÛ E SUA ESSÊNCIA

Falar do *jeje* é algo que nos traz incomensurável comprazimento, em razão de ser o nosso princípio de fé e direção na vida, entretanto, a proposta deste trabalho não está relacionada ao aprofundamento dos estudos deste segmento do candomblé. Presumimos que seja inescusável esclarecer que ele é dotado de ramificações, e a ramificação aqui planeada, refere-se ao *jeje-mahû*.

Verificamos as influências religiosas iniciais de Marilene de Oxum, mas foi no *jeje-mahû* que encontrou, segundo ela, sua essência, a força para resistir e a fé que vem acudir. A sacerdotisa é reconhecida como uma das principais referências na atuação e preservação da cultura religiosa *jeje* - procedente de *Kwé Séja Húndè* - no Rio de Janeiro. Em entrevista concedida, em 22 de agosto de 2022, por Edvaldo de Jesus Conceição, o *ogan* Buda do Boboso, de *Séja Húndè*, ele afirma a relevância das atuações da mãe de santo. A propósito, ao referido *ogan* foi conferido o título Doutor *Honoris Causa*, em 17 de janeiro de 2022, pela Ordem de Capelães do Brasil e Faculdade Febraica, em cerimônia realizada no Museu de Arte da Bahia, em Salvador. A titulação decorre do reconhecimento de seu trabalho direcionado à preservação e divulgação do candomblé:

Segundo tia Marilene, a primeira vez que ela foi em *Séja Húndé*, foi em 1987, através de uma excursão organizada pelo finado Zezinho da Boa Viagem, filho de santo de *Táta Fomotinho*. Eu era muito novinho, não lembro!

A segunda vez, eu já era adolescente, tinha 16 anos de idade, foi em 1994! Sua simpatia e sua beleza era sem igual! Quando tia Marilene chegou aqui, não havia luz elétrica!

Foi ela e tio Marcelo, seu finado marido, que contribuíram nas instalações da energia!

Lembro que ela passou a frequentar o axé, mesmo vindo do Rio!

Sou suspeito de falar de tia Marilene e tio Marcelo. Eles ganharam a confiança de todos do axé.

A confiança foi tanta que meu pai deixou eu viajar ao Rio! O melhor, foi que morei com eles em *Kwé Naiyé!* Ainda não havia saído da Bahia, rapaz!

Aprendi muito com tia Marilene, sua inteligência chama atenção! Fui testemunha de sua capacidade e liderança religiosa! Ela é uma referência na preservação do *jeje!*

Ela se tornou filha de minha mãe de santo *Gamo Lokosi*. Os procedimentos foram em *Kwé Naiyé*. Isso foi em outubro de 1999.

(Entrevista com Marilene de Oxum. Acervo pessoal de Paulo Mauricio Nascimento, 2020)

A sacerdotisa é reconhecida como uma relevante referência na preservação da cultura religiosa *jeje*, conforme verificamos anteriormente. Em seu axé, inúmeras cerimônias, feitura, obrigações foram realizadas. Em razão da morte de seu pai de santo, tornou-se filha de santo da líder religiosa de *Séja Húndè*, a mãe *Gayaku Gamo Lokosi*. A figura abaixo retrata cerimônia dedicada às divindades das águas doce, do panteão *jeje*. À frente, de saia verde, Marilene de Oxum e ao seu lado, *Aziri* incorporada em uma filha de santo:

A ilustração retrata a cerimônia dedicada às divindades das águas doces – jan de 2015



Fonte: Acervo pessoal de Marilene de Oxum

Na imagem é possível perceber a emergência das cores de oxum, amarelo e verde em meio as matas da região, no qual se encontra o córrego onde foram colocadas as flores para ela. A frente três mulheres, evidenciando assim como no universo jeje as mulheres são protagonistas.

São diversas as atuações religiosas de Marilene de Oxum, entre as quais, às concernentes à preservação da liturgia *jeje*. Não obstante as suas atuações, a mãe de santo é crítica da influência da cultura religiosa nagô sobre às demais culturas religiosas de matrizes africanas, apesar da relevância do *jeje* na estruturação próprio candomblé, tanto em sua consolidação, como em instituição religiosa. A busca por uma suposta “pureza” por parte dela tem como objetivo assegurar o que poderíamos chamar de uma “identidade jeje” de seu terreiro e seu culto. Um ponto de referência para os seus filhos de santo.

Apesar de ser empreendido como um segmento, relativamente, conservador, a mãe de santo desaprova os procedimentos, por parte de adeptos do *jeje*, que podem comprometer a liturgia do segmento religioso, conforme entrevista concedida em 16 de fevereiro de 2022:

Entendo que temos um grande problema e conseqüentemente um grande desafio que está relacionado à aculturação! Por sermos menos visíveis! Se não nos expressarmos com os termos iorubá, que são bem mais conhecidos, não somos compreendidos! Essa agregação de termos e valores estranhos a nossa cultura, com o passar do tempo, deturpa nossa cultura e até mesmo a doutrina. Não é raro quando vamos realizar uma cerimônia fúnebre, por exemplo, que chamamos de *zenli* ou *zerin*, nos referirmos a isso como o *àsèse* (axexê) dos nagô. São cerimônias aparentemente similares, mas com conteúdo ritualístico totalmente diverso! Assistimos nosso povo Mahi sendo envolvido pelo senso comum e assumindo práticas que não são nossas, como o uso de branco nas sextas-feiras e durante o período do *konkre* (o *kelé* dos nagô)!¹⁷

Por sermos em menor número, constantemente somos colhidos pela egrégora do pensamento comum e nossa gente acaba

¹⁷ *Konkre* e *kelé*: colares ritualísticos.

incorporando tabus estrangeiros, e tendo uma visão distorcida de nossa própria cultura!

Não comer carne às sextas-feiras também não nos pertence!

O iorubá faz o *àsèse* para tocar a alma para um dos nove espaços do *òrún*, nós, os *fon*, somos o único povo de santo que acredita na reencarnação. Trabalhamos o *zenli*, *zerin* ou *sihun* para preparar a nova vida do nosso morto.¹⁸

Acabamos vendo culto a *Bàbá Egún* em lugar de nossos *kutito* e *zangbeto*¹⁹

(Entrevista com Marilene de Oxum. Acervo pessoal de Paulo Mauricio Nascimento, 2020)

O *jeje*, enquanto segmento do candomblé, contribuiu, sublimemente, para a consolidação deste, entretanto, encontra-se envolto em um enredamento muito próprio, como alguns pontos elencados por Marilene de Oxum. A despeito de sua liderança religiosa transcendente aos limites do religioso, o reconhecimento de sua suficiência, enquanto mãe de santo, e sua relevância à preservação da cultura *jeje*, não isentou e ainda não isenta Marilene de Oxum de adversidades concatenadas a sua religiosidade. Ainda, conforme entrevista de fevereiro de 2022, a mãe de santo expõe alguns infortúnios que compõem seu arcabouço religioso. Ela afirma que sua trajetória religiosa foi sinalada por desafios:

Minha trajetória religiosa foi marcada por constantes desafios!
Sou mulher que não foge à luta!

Bem, se eu for falar das implicações do candomblé e fatos que estive envolvida, um ano não será o suficiente para relatar minha experiência!

Sofri uma série de discriminação e preconceito, tanto dos de “dentro,” quanto dos de “fora!” O preconceito dos “de fora,” contorno com mais tranquilidade, pelo incrível que pareça! Mas os preconceitos partindo dos seus iguais é forte!

Mesmo sendo a primeira iniciada no axé de meu pai, ter participado da iniciação de inúmeros irmãos, tentaram me discriminar!

¹⁸ *Orún*: “residência” do sagrado, o céu.

¹⁹ *Bàbá Egún*, *kutito* e *zangbeto*: cultos aos espíritos desencarnados, sendo o primeiro na tradição nagô e os demais na *fon-gbé*.

Tive muitas dificuldades para ser aceita tanto pelos “diferentes”, quanto pelos “iguais” – digo na fé! Eu era jovem, elegante e “quase branca!”

Tem aquele adágio: “Tem axé, mas falta tinta!”

Participei do movimento de entidades negras do interior do Estado do Rio de Janeiro e tive que abrir meu espaço a socos e pontapés, esfregando na cara deles minha ancestralidade africana e a aculturação daqueles que se diziam “tinta forte”

(Entrevista com Marilene de Oxum. Acervo pessoal de Paulo Mauricio Nascimento, 2020)

Sobre a atuação na política institucional passaremos a ver a seguir.

MARILENE DE OXUM: PROTAGONISMO SOCIOPOLÍTICO E SEUS DESDOBRAMENTOS

A trajetória sociopolítica, e consequentemente, ao protagonismo de Marilene de Oxum inicia-se a partir da transferência de seu terreiro *Kwé Naiyé* para a cidade de Magé (RJ). Ainda em 1992, Marilene de Oxum iniciou a obra para a reconstrução de *Kwé Naiyé*, encetando sua estreita relação com o bairro Jardim Santo Antônio – Distrito de Santo Aleixo, em Magé. A inepta infraestrutura do bairro; a vulnerabilidade social da população local; a pouca presença do poder constituído; provocou inquietações na sacerdotisa, e a partir dessa conjuntura, iniciou-se os movimentos, as ações sociopolíticas de Marilene de Oxum direcionados aos direitos e estruturas sociais básicos, substancialmente escassos, no bairro. Uma das primeiras ações foi empregar moradores na edificação de seu novo terreiro e suas respectivas instalações. Segundo seus relatos, acreditando ser, verdadeiramente, herdeira das *ahosi*, ela não se permitiu ser envolvida pela letargia diante da realidade encontrada:²⁰

²⁰ *Ahosi*: significa “mulheres do rei” e que também eram conhecidas por “*mino*” traduzido para o português como: “mães.” Inicialmente não eram

Entendo que a vida social está relacionada com a cooperação entre os indivíduos! Sempre fui uma pessoa dotada de empatia, condescendência e altruísmo, além de ser extremamente proativa! Nunca me permiti ficar inerte ou omissa diante dos necessitados! Acredito que sejam características de minha personalidade, em razão dos valores éticos e morais familiares e de minha religiosidade!

Uma de minhas primeiras ações foi empregar pessoas do bairro, o máximo que pude, tanto nas obras do barracão, quanto em minha casa! Permitted que pessoas desabrigadas ocupassem parte de outro terreno de minha propriedade, até implantarmos uma política habitacional, no bairro!

As inúmeras demandas sociais locais provocaram inúmeras ações, por parte da sacerdotisa, entre tantas: empregar moradores na edificação do axé, como já mencionado; transportar, em seu próprio veículo, moradores que necessitavam de emergência médica ou consultas, em razão da precariedade do transporte público; abrigar pessoas em estado de vulnerabilidade habitacional; disponibilizar medicamentos, cestas básicas, vestuário e calçados às famílias mais carentes.

Em razão de suas ações voluntárias, desenvoltura e impavidez, a favor dos moradores do bairro, o Sr. José Carlos de Souza Júnior, então presidente da Associação de Moradores do Bairro Jardim Santo Antônio, a convidou a ocupar o cargo, em vacância, de secretária da associação de moradores, em 1993, poucos meses após seu estabelecimento no referido bairro.

A possibilidade de integrar a diretoria da associação de moradores possibilitou, progressivamente, o estreitamento das relações com o poder constituído, ou seja, as reivindicações tornaram-se institucionalizadas, por meio da associação de moradores. De acordo com os estudos de Angela Maria Roberti Martins (1997), o associacionismo (conceito teórico relativo às associações), como perspectiva de manifestação do político, estrutura-se por meio das relações de poder, não como fragmento do Estado, mas como parte da sociedade no âmbito “universal.”

guerreiras temidas e mortais, mas sim caçadoras de elefantes. São também conhecidas como guerreiras do Daomé (atual República do Benim). São reconhecidas historicamente, ou seja, antes do século XVII não foram encontrados registros de um contingente de um exército somente de mulheres.

A emergência das associações se dá, preeminentemente, em razão das demandas não atendidas pelo poder público, em razão, muitas das vezes, de uma incipiente política pública direcionadas às necessidades básicas de determinados segmentos sociais - essa conjuntura promove uma lacuna entre Estado e sociedade: “[...] as associações quase sempre são produtos do vácuo deixado pelo poder instituído. E, como tal, são formadoras de opinião, de ideias que evidenciam a separação entre Estado e sociedade; a reflexão e a ação da sociedade e ela própria [...]” (MARTINS, 1997). Portanto, a partir da ocupação como secretária da referida associação de moradores, novos horizontes despontam diante de Marilene de Oxum.

A oportunidade de integrar a diretoria da Associação de Moradores do Bairro Jardim Santo Antônio, possibilitou Marilene de Oxum a uma longa trajetória política, voltada às demandas não apenas do bairro Jardim Santo Antônio e sua população, mas também às demandas de determinados segmentos da sociedade mageense.²¹ Ela defende a ideia de que a institucionalização das ações reivindicatórias, favorece o diálogo ou o enfrentamento, quando necessário, às autoridades ou instituições que constituem o poder público.

Em 1994, integrou-se à Federação Municipal de Associações de Moradores e Entidades Afins da Cidade de Magé – COMAMEA, como presidente da Comissão Municipal de Saúde de Magé. A COMAMEA foi fundada em julho de 1983 e tem como principal atribuição discussões condizentes às demandas sociais, desenvolvendo ações coletivas de organizações da sociedade civil. No mesmo ano concorreu e foi eleita Diretora de Questões Urbanas da entidade.

No ano de 1995, Marilene de Oxum foi eleita secretária geral da entidade supracitada. O axé *Kwé Naiyé* passou a integrar as comissões municipais: de Saúde, Cidade e Meio Ambiente, representando o bairro em que o axé é estabelecido, e principalmente, as religiões de matrizes africanas. Ela reitera a relevância da institucionalização como uma relevante estratégia de atuação política:

²¹ Para o aprofundamento do conceito associacionismo, ver (Martins, 1997, p. 161-165).

Aqui, em Magé, acabei me envolvendo com a Associação dos Moradores do Jardim Santo Antônio e ocupei a 1ª secretaria, preenchendo uma vacância. A partir daí, fui procurar orientação na FAMERJ!²² Tenho um cabedal político, mas as orientações da FAMERJ fortaleceram a ideia de que a institucionalização é uma considerável estratégia política!

A dedicação e o afinco de Marilene de Oxum relacionados às demandas da sociedade mageense as suas atuações na COMAMEA, a levam também a candidatar-se e eleger-se presidente da entidade. Em julho de 1995, o conselho de representantes de entidades associadas, discutiu a respeito do pleito eleitoral para a direção da federação, endossando e aprovando a apresentação de chapa única.

Outrossim, em 1996, ela estabeleceu um novo direcionamento político, e este, concernente aos aspectos político-partidários. Filiada ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), desde 1979, durante o estágio organizacional, integrou o Diretório Estadual. Dando prosseguimento à política partidária, Marilene de Oxum compôs a comissão de militantes incumbidos no processo de legalização e fundação do Partido Social Liberal (PSL), em Magé, conforme ilustração abaixo, em convenção do partido, semanas antes de sua institucionalização. Presente na convenção, ainda que filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o prefeito Ubiracy Pereira (Bira), ao lado de Marilene de Oxum, empunhando um microfone. O PSL-Magé fora fundado em 08 de agosto de 1996, e com razão social: Diretório do Partido Social Liberal, tendo como primeira presidente Marilene Formiga Monteiro, conforme a ilustração abaixo:²³

²² FAMERJ: Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro – objetivo: organizar e assistir as confederações municipais. A FAMERJ foi extinta em 2014. A UNIFAMERJ, fundada em 2020, exerce funções símile à extinta FAMERJ.

²³ As informações sobre a fundação do Diretório do Partido Social Liberal – Magé (RJ) podem ser consultadas através do site: <https://cadastroempresa.com.br>cnpj>.

Figura 3 - Convenção do Partido Social Liberal em julho de 1996



Fonte: Acervo pessoal de Marilene de Oxum

O capital político de Marilene de Oxum não emergiu, unicamente, a partir de suas ações e relações com o movimento comunitário. Adicionado as suas estruturas, há suas próprias convicções, muitas das quais, conectadas à religiosidade e outras de procedência familiar. A prática das religiões de matrizes africanas requer movimentos políticos perenes, conforme analisado anteriormente. Tratando da procedência familiar, ao que tudo indica, suas convicções são influenciadas pelas trajetórias de seu pai, o Sr. Mario Monteiro da Cunha e seu tio, o Sr. Livio Hosannah Lopes de Oliveira (irmão de seu pai). Durante a década de 1970, seu tio Livio Hosannah, fazendeiro e agropecuarista, em Niquelândia, fora vereador e vice-prefeito da cidade. Em entrevista concedida, em 10 de setembro de 2022, pelo Sr. Lévio Natal Lopes Oliveira, gestor imobiliário e filho do Sr. Livio Hosannah, seu pai, além de conceituado empreendedor, fora um influente político:

Meu pai foi um homem bem-sucedido e respeitado. Atuante nos seus interesses e da região de Niquelândia, também! A respeito

da trajetória política, não lembro bem! Lembro apenas que ele foi vereador e vice-prefeito! Também foi um respeitado empreendedor do agronegócio! Ouço as histórias que foi um homem e político muito forte e influente!

Se bem me lembro, suas atividades políticas se deram na década de 1970!

Gostaria de contribuir um pouco mais com esse estudo, mas pouco me lembro do trabalho político de meu pai!

Mas lembro que meu tio Mario e um primo também foram vereadores.

(Marilene de Oxum. Entrevista a Paulo Mauricio do Nascimento, 2020).

A respeito da entrevista com o Sr. Lévio, apesar de sua relativa resistência à temática política, trouxe relevantes contribuições ao trabalho. De modo geral, ao que tudo indica, a política sempre esteve presente na vida da sacerdotisa. Suas convicções apontam ao diálogo entre religiosidade e ancestralidade.

Dando prosseguimento ao período marcado por vultosas atribuições, o ano de 1998 marca o acaloramento dos embates com o chefe do executivo da cidade de Magé. Intensificou-se “os recados” que sugeriam uma reavaliação dos procedimentos de Marilene de Oxum. Esses episódios caracterizam um dos períodos mais complexos de sua trajetória, marcado por ameaças, necessitando, inclusive, de proteção policial, segundo o relato da sacerdotisa:

Minha vida é norteadada por desafios e superações! Entre as diversas frentes de militância, fui eleita em 1995 presidente da COMAMEA – e reeleita em 1998. Em 1996, o Nelson do Posto foi reeleito prefeito de Magé! Entrei com várias denúncias junto à Câmara Municipal de Magé! Pedi a cassação do prefeito por má gestão dos recursos do SUS! Infelizmente obtive a sentença condenatória depois da morte dele! Ele morreu em 2010! Tive vários enfrentamentos com esse prefeito por conta do sistema de saúde do município. Cheguei a ter minha família colocada sob proteção policial por ameaças que sofri. Recebi vários “recados” para que eu reavaliasse minhas condutas. (Marilene de Oxum. Entrevista a Paulo Mauricio do Nascimento, 2020).

As ameaças direcionadas à Marilene de Oxum, exemplificam uma das características da política de Magé, onde inúmeros agentes políticos, além de ameaças, foram vítimas fatais, subvencionando o entendimento de que a violência direcionada aos agentes políticos refletem o autoritarismo do poder.²⁴

Reeleita presidente da COMAMEA, Marilene de Oxum prosseguiu com as denúncias direcionadas ao prefeito reeleito Nelson do Posto. Ela pautava-se, principalmente, em relação à má gestão dos recursos do Sistema Único de Saúde (SUS), direcionados à cidade.²⁵ Ainda em 1998, encaminha uma representação ao Ministério Público Federal, pois os recursos advinham do Ministério da Saúde, e em 09 de fevereiro de 1999, é concedida audiência com o Procurador da República.

O ano de 1999 também fora marcante na vida pessoal de Marilene de Oxum. Rupturas, realizações, desafios e despedidas. As rupturas estavam conectadas ao aspecto político-partidário. A força política de Marilene de Oxum, decorrentes de suas atuações políticas, por meio de organizações ligadas ao associacionismo, despertou o interesse das forças político-partidárias, e em razão disso, ela desfilou-se do PSL, regressando ao PDT, candidatando-se a uma cadeira na Câmara de Vereadores de Magé. Segundo ela, manobras políticas do PDT contribuíram com sua desistência relacionadas ao pleito eleitoral do ano de 2000.

A principal realização de Marilene de Oxum, no turbulento ano de 1999, está relacionada à religiosidade, isto é, ao *jeje*. Como já relatado, durante a trajetória espiritual, os praticantes das manifestações religiosas de matrizes africanas submetem-se a procedimentos litúrgicos denominadas

²⁴ Para o aprofundamento relativos à violência política da Baixada Fluminense (localizada na Região Metropolitana do rio de Janeiro), ver: (Rodrigues, 2021).

²⁵ Sistema Único de Saúde (SUS): é o conjunto de ações e serviços de saúde prestados por órgãos e instituições públicos Federais, Estaduais e Municipais da administração direta ou indireta e das Fundações, mantidas pelo poder público e complementarmente pela iniciativa privada – Lei Federal nº 8080/1990.

obrigações. Cada segmento é detentor de características próprias, e as referentes às obrigações não fogem à regra. As minúcias litúrgicas não estão em questão neste trabalho, dito isso, Marilene de Oxum submete-se à obrigação relacionada ao vigésimo primeiro aniversário de iniciação, e dessa vez, por meio de *Gamo Lokosi* (denominação religiosa, sacerdotisa de *Kwé Sèja Hùndè*).²⁶ A referida obrigação fora realizada em outubro de 1999. Aos praticantes do candomblé, conectar-se, diretamente, ao axé “raiz” de sua ascendência religiosa, é entendido como muito mais que uma realização, e sim, uma bênção. Nesse período, Marilene de Oxum havia desistido de concorrer às eleições municipais. Outrossim, seu marido e sua mãe estavam consideradamente enfermos.

O embate aberto com o prefeito Nelson do Posto não arrefeceu, muito pelo contrário, a cada dia intensificou-se. Parte das “estruturas” que sustentavam a sacerdotisa estava abalada, isto é, seu marido, Marcelo Sebastião Nascimento Carvalho e sua mãe, a Sra. Maria de Lourdes Formiga Monteiro, encontravam-se, substancialmente, enfermos, e em 28 de novembro de 1999, ele morreu em decorrência do câncer que o cometia. Outro episódio marcante na vida de Marilene de Oxum está relacionado a sua mãe. Esta morreu apenas onze dias após o falecimento de seu marido. Ela afirmou que o período fora, significativamente, desafiador:

O meu maior desafio é harmonizar a militância com liderança religiosa! É bem desgastante ir para a rua e gritar a favor do SUS e à noite cantar candomblé! O resto é “fácil” (Risos)!

Falando sério! Esse período foi um dos períodos de extrema efervescência, foi mais um desafio em minha vida! Meu marido

²⁶ *Zòdogò Bogun Malé Séja Hùndé* ou *Kwé Séja Hùndé*: o terreiro localiza-se na região denominada Lagoa Encantada, no município de Cachoeira (Recôncavo Baiano). Fora o primeiro do segmento *jeje* reconhecido como espaço de riqueza cultural, histórico e artístico, em 2012, pelo IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), tendo um papel relevante no processo de institucionalização e consolidação do candomblé e, a partir dele, inúmeros terreiros do segmento *jeje-mahû* foram fundados pelo Brasil.

adoeceu de câncer, em 1998, durante o ápice dos enfrentamentos ao prefeito! Houve um momento que precisei parar com tudo para cuidar deles! Neste momento a filha e a mulher falaram mais alto! Em 1999 perdi meu marido e minha mãe, e isso fez eu quase abandonar a militância! Estava abatida! Ainda é difícil falar! Fiquei sem ímpeto das lutas, mas a rotina de ir à Federação impediu que a depressão me vitimasse! Então fui convidada, pelo PDT, a vir candidata à vereadora, lembrando que quase toda militância era pedetista! No apagar das luzes, manobras no partido fez eu desistir da candidatura. (Marilene de Oxum. Entrevista a Paulo Mauricio do Nascimento, 2020).

Antes de finalizar as questões aqui examinadas, entendo que seja pertinente tratar a respeito de um dos principais desdobramentos concernentes às ações políticas de Marilene de Oxum, isto é, sua inserção à administração pública direta. As organizações ligadas ao movimento comunitário - universo que instituiu a inserção de Marilene de Oxum, de fato, ao campo político - atendem a uma ampla demanda social, entre as quais, às relacionadas à saúde pública, segmento em que Marilene de Oxum, gradativamente, direcionou sua atenção. Frente à presidência da COMAMEA, estabeleceu um respeitoso trabalho através da Comissão de Saúde da organização com repercussões sociais e políticas, substancialmente, positivas.

O nome de Marilene de Oxum constitui-se em uma das principais referências às questões relacionadas à saúde pública do município. Em razão de suas atuações, Núbia Cozzolino, prefeita eleita de Magé, a convidou e a nomeou diretora administrativa do Hospital Municipal de Magé, em 2005. A contar desse momento, a sacerdotisa iniciou um processo de atuação em um espaço do campo político ainda não ocupado por ela, isto é, a administração pública direta. Possivelmente, as avaliações positivas de sua atuação, frente à administração do hospital, contribuíram a sua nomeação à secretária municipal de saúde, datada em 09 de outubro de 2007.

Dando prosseguimento, em 2009, Marilene de Oxum desligou-se da secretaria municipal de saúde, sendo nomeada, pela segunda vez, diretora administrativa do Hospital Municipal de Magé. Ainda em 2009, ocorreu seu desligamento da direção

do hospital, possivelmente, em decorrência do afastamento e, consequentemente da renúncia da prefeita Núbia Cozzolino.

O afastamento de Cozzolino de suas atribuições ocorreu em setembro de 2009, em virtude de determinação judicial. Em 12 de outubro de 2010, Núbia Cozzolino renunciou ao cargo de chefe do executivo da cidade de Magé. Sua trajetória política-administrativa é marcada por um histórico de inúmeras implicações. A exoneração de Marilene de Oxum marca o encerramento de um ciclo político, mas não necessariamente de sua trajetória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que Marilene de Oxum seja uma referência, não somente enquanto liderança religiosa, detentora de um respeitoso conhecimento litúrgico e de uma referência como praticante do *jeje-mahû*, mas, da mesma forma, uma referência política. O universo das religiões de matrizes africanas e o universo sociopolítico sempre estiveram conectados, e dissertar a respeito das ações sociopolíticas de uma sacerdotisa, pertencente ao candomblé, pode ser inferida como forma de resistência e subversão às ordens estabelecidas num universo social orientado por valores que sugerem tanto a invisibilidade da mulher, quanto a desvalorização e resistência em reconhecê-lo, isto é, o candomblé, como elemento integrante do arcabouço religioso, cultural e político brasileiro.

É marcante a presença dos valores da cosmovisão africana na vida de Marilene de Oxum. São esses valores, segundo a própria mãe de santo, que estimulam suas ações e são pujantes em suas convicções sociopolíticas, identicamente, presentes em seu ímpeto em busca da dignidade e justiça social.

Refletir a respeito das ações sociopolíticas de uma mulher de axé pode ser entendido como uma ruptura paradigmática, num contexto sociocultural em que os valores predominantes reservam à mulher a inércia e sua invisibilidade. Segundo Sueli Carneiro (2008), refletir sobre o papel desta mulher, orientada por valores em que as diversas manifestações da vida não estão dissociadas do sagrado, se constitui um relevante aspecto direcionado tanto

ao resgate da identidade feminina, tanto de culturas religiosas envoltas numa série de implicações históricas: “[...] a representação mítica nos cultos afro-brasileiros se constitui em importante elemento no resgate da identidade [...]” (Carneiro, 2008, p. 117).

A partir das ideias de Anamaiara Conceição de Santana Miranda (2013), discorrer a respeito das ações políticas de uma representante de manifestações religiosas de matrizes africanas é um exercício de resistência, e este se manifesta a partir do momento de se tornar visível o protagonismo dessa mulher, enquanto agente político e histórico. Visto que a permanência do confinamento da história da mulher de axé não favorece o entendimento do mundo real, uma vez que ela também é protagonista deste mundo: “[...] as pessoas da Academia que estudam a história das mulheres negam a participação das mulheres negras e, principalmente, de Axé, no processo histórico político aqui na Bahia e no Brasil [...]” (Miranda, 2013, p. 3).

Portanto, refletir a respeito das ações sociopolíticas de uma mulher de axé, para além dos lugares comuns, e pensando como ela conseguiu se inserir também na política institucional, nos leva a pensar o redimensionamento do papel desse agente histórico, não apenas no aspecto religioso, mas também no aspecto sociopolítico, favorecendo também o reconhecimento do candomblé, não apenas como uma manifestação religiosa, mas também como universo em que o político se manifesta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Sueli. **A força das mães negras**. Artigo disponível em <<http://www.geledes.org.br/a-forca-das-maes-negras>>. Acesso: 16 maio 2020.

DIEHL-FLEIG, Elena. **Formigas: organização social e ecologia comportamental**. São Leopoldo: Editora Unisivos, 1995.

GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. **Mineração em grande escala, disputas pelo subsolo e o espaço agrário fraturando em Goiás, Brasil**. In: *Revistas de Geografia*. Recife: Universidade Estadual de Goiás, v.36, nº 2, 2019.

HOSSNE, William S. e PESSINI, Leo. **Dos referenciais da Bioética – o altruísmo**. Revista BIO & THIKOS. Centro Universitário São Camilo, São Paulo: 2014.

MARTINS, Angela Maria Roberti. **Rio de Janeiro**: Revista em História DIA-LOGOS UERJ – IFCH, ano II, nº 2, p. 161-165, 1997.

MIRANDA, Amanaiara Conceição de S. Miranda. **A ação política da Ialorixá Eugênia dos Santos**. Natal: 2013.

PARÉS, Luis Nicolau. **A Formação do Candomblé – história e ritual da nação jeje na Bahia**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

PRESTES, Jéssica Melo. **Reviver a História: A saga das mulheres guerreiras Ahosi do Daomé**. Porto Alegre, 2016.

RODRIGUES, André; et al. **Poder de matar: um ensaio sobre a violência política**. Rio de Janeiro: 2021.

VALENTIM, Phillipe. **Madureira tem o maior polo de valorização da cultura afro-brasileira no Rio**. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/09/5679580-o-suburbio-carioca-contado-por-phillipe-valentim>. Acesso: 16 maio 2020.

VILLA, Marco Antonio. **Collor Presidente: Trinta meses de turbulência, reformas, intrigas e corrupção**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2016.

Recebido em: 09/12/2022
Aprovado em: 12/07/2024

ANEXOS



Marilene de Oxum, vestida de azul ao lado de um dos autores deste artigo, Paulo Mauricio do Nascimento. Ao lado e ao fundo, seus filhos de santo.
Acervo dos autores. 13 de dezembro de 2022.



Marilene de Oxum, junto a dois autores e ao professor e filho de Santo, Francisco Gouvea, que foi também um dos coorientadores do Paulo Mauricio no programa de pós-graduação em História Política da UERJ
Acervo dos autores. 13 de dezembro de 2022.



Marilene de Oxum, com uma bandeira da Unifamerj, quando da defesa da dissertação do Paulo Mauricio do Nascimento.
Acervo dos autores. 13 de dezembro de 2022.